
O INDIVIDUALISMO CONTEMPORÂNEO: A ENFERMIDADE DO NOSSO TEMPO. QUAL O PAPEL DA RELIGIÃO?

TELMA FERREIRA DO NASCIMENTO

Resumo: *a autora traz uma análise sobre como a sociedade vem se articulando com base em valores individualistas e narcisistas próprios da sociedade capitalista em sua versão atual, em que se percebe o estabelecimento de novas práticas sociais muito mais assentadas em uma relação de sedução do que de produção. Estas práticas projetam e refletem, ao mesmo tempo, uma sociedade altamente consumista, em que a ética e os valores humanistas perdem cada vez mais espaço na prática cotidiana para se tornarem discursos necessários. Esta situação põe em cena, ao lado das tradicionais formas de enfermidades, outras associadas a um tipo de comportamento muito singular de nosso tempo. Iniciar o debate sobre o papel da religião nesta época tão 'vazia' é que se propõe o presente artigo.*

Palavras-chave: *individulismo, religião, sociedade, narcisismo, saúde*

A expressão individualismo compreende elementos heterogêneos e imagináveis, e está relacionada com diferentes aspectos da realidade (religiosos, econômicos, culturais ou políticos etc.). A literatura sobre o tema é bastante ampla, o que não significa que esteja esgotada. Para Troeltsch, o individualismo está relacionado com o primitivo cristianismo; já Weber o relaciona com o protestantismo. Hayek e Friedman o vinculam ao liberalismo, para exemplificar.

O termo individualismo foi usado com maior evidência pelos discípulos de Saint-Simon nos anos 20 do século XIX. Todavia, como manifestação do comportamento geral do homem, como uma forma de ser-viver-pensar o individualismo apresenta-se como um fenômeno próprio da sociedade capitalista.

Podemos observar, de forma panorâmica, que, em seu desenvolvimento histórico, o individualismo assume definições diversas. Na França pós-revolucionária, os restauracionistas utilizavam o termo para designar uma consequência nefasta do movimento revolucionário; posteriormente, o termo esteve associado ao liberalismo com o culto à igualdade; no século XX, foi traduzido como comportamento apático do homem moderno ante a sociedade, especialmente a política.

Considerando a ciência social, o individualismo também constitui um instrumento metodológico e uma doutrina explicativa. Nessa perspectiva, as estruturas e os fatos sociais somente podem ser compreendidos por meio das construções mentais dos indivíduos. No nosso ponto de vista, Tocqueville (1978) desvela-se um dos grandes pensadores do individualismo. Ao colocar ênfase na vinculação da origem do individualismo moderno com o desenvolvimento da democracia, o autor nos leva a compreender que esse fenômeno se afirma, de fato, no contexto da sociedade burguesa, ainda que algum aspecto do individualismo moderno já se encontrava presente nos primeiros cristãos. A religião tem sido, sem dúvida, um elemento fundamental na constituição do individualismo como ideologia.

A concepção nominalista exposta sistematicamente por Guilherme de Occam na primeira metade do século XIV afirma que, como Deus é vontade, e como o homem não pode conhecer a vontade de Deus, deve voltar-se totalmente em direção a si, separar-se das coisas e das pessoas do mundo para obter a glória de Deus. Esta forma de ver o mundo em relação a Deus se converterá, com a doutrina da predestinação, em uma peça-chave do pensamento weberiano. Vale registrar que o nominalismo, no campo da ciência social, concebe a sociedade como um conjunto de indivíduos ilhados, reduzindo, desta forma, a sociedade a seus átomos singulares.

Debater o individualismo presuppõe considerar a existência do indivíduo, ou seja, pressuppõe entender quando o homem, em sua biografia histórica, se torna um 'indivíduo'.

[...] cuando hablamos del 'individuo', designamos dos cosas a la vez: un objeto que está fuera de nosotros y un valor. La comparación nos obliga a distinguir analíticamente estos dos aspectos: por un lado, el sujeto empírico, que habla, piensa y quiere, es decir, la muestra individual de la especie humana, tal como hallamos en todas las sociedades; por outro, el ser moral independiente, autónomo y, en consecuencia, esencialmente no social, portador de nuestros valores supremos y al que encontramos, en primero lugar, en nuestra ideología moderna del hombre y de la sociedad (DUMONT, 1983, p. 37).

Nos discursos atuais, sejam eles elaborados nos limites da academia, sejam eles traduções das práticas cotidianas, uma palavra, um ideal, ocupa quase sempre um lugar de destaque: 'a ética'. Ao mesmo tempo em que assistimos a ética recuperar seus títulos de nobreza, admirados e, um tanto estáticos, somos espectadores também da substituição do "individualismo da diferença"¹, característico da sociedade moderna, pelo "individualismo hedonista"², próprio das sociedades contemporâneas.

O individualismo hedonista coloca em cena um novo perfil de indivíduo: o Narciso³. A figura mitológica de Narciso é a mais apropriada para identificar o indivíduo de nossa época. Nossa época? Como podemos descrever o tempo presente? Privatização ampliada, abandono político e ideológico, erosão das identidades sociais, desestabilização das personalidades, são algumas de suas características. Estamos na era do vazio.

A partir da Ilustração, os pensadores modernos tentam assentar as bases de uma moral independente dos dogmas religiosos. A secularização ética encontra já em sua fase inicial uma de suas figuras-chave: a noção do dever absoluto, da dívida infinita. Nas primeiras sociedades democráticas, a dessacralização dos ideais éticos impulsiona a mudança do esquema religioso do imperativo ilimitado dos deveres para o culto das virtudes laicas concretizadas no dever, no sacrifício pela família, pela pátria, pela história etc.

Este período se encerra para dar lugar a uma nova lógica do processo de secularização da moral, no qual o que se verifica é o esvaziamento da própria noção de dever. Não mais se trata de afirmar a ética como esfera separada da religião. Em nosso tempo, os valores sacrificais foram sacrificados. O que surge é uma sociedade que desvaloriza o

ideal de abnegação e que ressalta os desejos imediatos, a paixão do ego e a lógica consumista. Emerge a sociedade posmoralista⁴, em que a ética elegida não ordena nenhum sacrifício ou dever para com o outro e menos ainda algum sentimento heróico em direção ao coletivo. O que importa é o reino do indivíduo enclausurado nele mesmo.

Na perspectiva de Lipovetsky (1986a), vivemos no reino de uma “cultura posmoralista”, que vai se constituindo, ao mesmo tempo em que se debilita a “cultura do dever”, própria das sociedades modernas clássicas. A cultura posmoralista, gestada por um longo processo de personalização⁵, coloca em marcha valores individualistas que resultam da transformação dos estilos de vida juntamente com as mudanças ocorridas na esfera do consumo. Este processo de personalização se traduz em uma nova maneira da sociedade organizar-se e orientar-se, uma nova forma de gerir o comportamento voltada totalmente para o consumo. Estamos cada vez mais destinados a consumir, ainda que de forma diferenciada, mais objetos, moda, informações, formação, relações, cuidados médicos, esportes etc. Tal processo induz o indivíduo a reduzir a carga emocional investida no espaço público e a canalizar as energias rumo à esfera privada.

O individualismo narcisista implica uma despolitização e uma indiferença jamais vistas. As grandes questões filosóficas, econômicas, políticas ou religiosas despertam o mesmo interesse que é dispensado aos acontecimentos cotidianos e rotineiros. Tudo se banaliza e neutraliza. O único espaço que parece não sucumbir nos mares da apatia é o privado. Cuidar do corpo; garantir a satisfação material; desprender-se dos ‘complexos’; viver o presente, o momento, sem preocupar-se com um ideal, com um objetivo transcendente; estar de bem com a vida; faz parte das principais preocupações do indivíduo contemporâneo.

Este narcisismo, que nasce da deserção do político e que perde de vista o sentido da continuidade histórica, é o que caracteriza a sociedade do nosso tempo. A sociedade do “tempo presente”! Perdemos a perspectiva de entender a história como um processo. O passado, com suas tradições e territorialidades arcaicas, assim como o futuro, com suas incertezas e desafios, já não importam. É necessário se retirar para o presente, protegê-lo, reciclá-lo por meio da eterna juventude física e psicológica. A sociedade burguesa remodela valores, revoluciona necessidades, esvazia as finalidades sociais por meio da radicalização do processo de personificação.

A lógica social individualista hedonista não implica apenas o abandono da esfera pública, permite uma adaptação social que não se realiza por imposição disciplinária. O narcisismo, nova forma de controle flexível e autogestionado, socializa dessocializando. Neste processo, o Eu perde sua referência, se pulveriza, se fragmenta com o excesso de informações, de mensagens, de signos, de objetos criados e recriados por novas tecnologias. Um Eu apático, indiferente, voltado para si, para sua realização pessoal, não mobiliza nem se mobiliza ante as questões políticas, sindicais, sociais colocadas. A autoconsciência substitui a consciência de classe, a consciência narcisista substitui a consciência política (LIPOVETSKY, 1986b).

Estabelecer relações interpessoais sem um compromisso mais profundo; sentir-se vulnerável; desenvolver uma incapacidade de sentir as coisas e os seres; ver o Outro nem como rival, nem como companheiro ou amigo, simplesmente despojado de toda substância, como um nada; é o que caracteriza o comportamento do Narciso. São transtornos claros que atestam a corrosão do caráter do indivíduo da “sociedade de risco”⁶. Um dos sintomas da nossa época é a generalização da depressão, antes reservada prioritariamente às classes burguesas. A expansão de estados depressivos deve ser entendida no contexto de deserção da política. O narciso, voltado somente para seu próprio umbigo, está propenso a desfalecer a qualquer momento ante as adversidades que enfrenta na mais pura solidão.

A palavra flexibilidade talvez seja a que mais se aproxima de uma definição adequada da sociedade atual (capitalista, globalizada e neoliberal). O termo flexibilidade entrou na língua inglesa no século XV. Originalmente, seu sentido derivou da simples observação de que, embora a árvore se dobrasse ao vento, seus galhos sempre voltavam à posição normal. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebradas por ela. A criação de instituições mais flexíveis é o caminho encontrado hoje pela sociedade. A reinvenção descontínua das instituições, a especialização flexível e a concentração de poder sem centralização são os três elementos que constituem o sistema de poder que se esconde nas modernas formas de flexibilidade (SENNETT, 2005).

Neste mundo flexível, em que se ‘inaugura’ um mercado de trabalho precarizado, flexível, terceirizado, e radicaliza-se o desemprego, a reestruturação produtiva conduz a que os trabalhadores abandonem

paulatinamente a idéia de organização, de coletividade, de identidade de classe, encarnando cada vez mais uma postura individualista. O Homem de Davos (aquele do Fórum Econômico Mundial) necessita de trabalhadores descartáveis, domesticados, que acreditam viver em uma nova era: de parcerias com empresas ‘reinventadas’ pelas reengenharias da Cultura Organizacional. Nesse sentido, a figura do narciso é muito bem vinda!

Na contemporaneidade, a vida é orientada por uma nova estratégia que desbanca a primazia das relações de produção em prol das ‘relações de sedução’. A sedução se afasta do âmbito das relações interpessoais para converter-se em um instrumento regulador das diferentes esferas da sociedade como o consumo, os costumes, a política, a educação, a religião, as organizações, entre outros.

A sedução nada tem a ver com a representação falsa da realidade ou com a alienação de consciências. É ela que constrói nosso mundo e o remodela segundo as múltiplas opções oferecidas ao indivíduo para satisfazer seus desejos. A sedução, filha do individualismo hedonista, é a âncora do processo de indiferença e de apatia que permeiam as relações sociais.

Concordando com os argumentos de Lipovetsky (1986a), podemos afirmar que, longe de representar uma crise do sistema, revelando seu fracasso, em médio ou longo prazos, a apatia social constitui sua lógica fundamental. Segundo o autor, o capitalismo fez indiferentes os homens, assim como fez indiferentes as coisas.

Qual é o papel da religião neste contexto? Nesta “era do vazio”? Lendo um texto de Terrin (1998, p.149) chamou-me atenção a seguinte afirmação: “o homem contemporâneo é, antes de tudo, um ser doente de corpo e espírito [...] que sabe que está doente e que pede, com absoluta prioridade, para ser curado”. Inserida numa reflexão mais ampla sobre a relação que se estabelece entre e saúde e salvação, esta observação nos permite diagnosticar o ‘Narciso’ como um indivíduo enfermo física e psicologicamente. Sua situação de absoluta solidão e perda de um sentido mais substancial para a vida, que vá além de seus próprios interesses imediatos, o submete às chamadas enfermidades modernas. Estamos falando, entre outras coisas, de depressão, *stress*, anorexia, síndrome de pânico, esquizofrenias etc.

Uma visão histórica das religiões nos possibilita perceber que as religiões do passado sempre vincularam sua missão de salvação da alma com a

missão terapêutica do corpo, incluindo-se aí, mesmo que de forma menos acentuada, o cristianismo. Laplantine, em sua obra, *Antropologia da doença*, evidencia a ligação existente entre religião, fé e saúde e entre doença e sagrado. A doença é apresentada, por um lado, como consequência particular de problemas sociais, e a saúde como obtenção da salvação. Nessa perspectiva, a saúde é vista como recompensa, e a doença como punição; é a justificação pelas obras. Por outro lado, o autor relaciona doença, saúde e fé na perspectiva da justificação pela graça, ou seja pela predestinação, em que o indivíduo não é mais responsável pelo que lhe acontece. Estes dois modelos são encontrados praticamente em todas as culturas.

Ainda recorrendo à história, percebemos que, no mundo religioso antigo, o tema da saúde não era desvinculado do tema da salvação. A relação entre mente (espírito) e corpo, especialmente no Oriente antigo, estava na base de todas as manifestações religiosas. O Ocidente, com sua forte tradição positivista e cientificista, trouxe uma versão diferente. Cabe à ciência, especialmente a médica, o tratamento do corpo. O espírito, como algo fora do alcance do modelo mecanicista, não pode ser considerado elemento importante nas práticas curativas. Portanto, a religião tem pouco a oferecer como missão terapêutica. Somente no Ocidente a medicina excluiu radicalmente a religião.

Todavia, o que se percebe hoje é um certo “retorno de Jedi”. Assistimos um novo retorno à visão religiosa terapêutica, em que a medicina, ainda que de forma tímida, busca apoio na religião para realizar seu objetivo. Percebe-se uma concepção mais holístico-espiritual e simbólica sobre a vida e, portanto, sobre a saúde, invadir os terrenos tão sagrados para a medicina clássica. Essa visão sistêmica de saúde, tão presente nas religiões antigas como na medicina chinesa, tibetana e indiana, pode ser localizadas hoje na Nova Era, nas práticas da homeopatia, na acupuntura, no *shiatzu*, na *ioga*, na talassoterapia, na musicoterapia, na fitoaromaterapia etc.

Observando de forma mais cuidadosa as práticas religiosas adotadas pelas versões fundamentalistas do cristianismo, percebemos uma clara implicação entre os processos físicos e psicológicos no trato da questão da saúde do indivíduo. A saúde e seu antônimo – a doença – são manifestações tanto de forças do bem, ligadas à idéia da fé e do compromisso com a Igreja e seus preceitos, quanto à ideia do mal, que se

manifesta nas atitudes mundanas e pecaminosas, contrárias às orientações religiosas em questão.

Norbert Elias, um médico sociólogo brilhante, deixou-nos uma rica literatura sobre a relação indivíduo/sociedade no mundo moderno e contemporâneo. Entre seus livros ressaltamos, considerando o tema em pauta, *La soledad de los moribundos* (ELIAS, 1962). Nele, o autor revela como o processo civilizador, conceito básico em sua arquitetura teórica, coloca em cena um fenômeno social bastante perverso: a privatização – no sentido da individualização – da enfermidade, da velhice e da morte. O autor chama a atenção para o fato de estes fenômenos, que em outros tempos eram tratados de forma coletiva pela comunidade, pela sociedade de uma forma geral, agora se situarem na esfera do mundo privado.

Jamás anteriormente há muerto la gente de una manera tan poco ruidosa y tan poco hgiénica como hoy en día en este tipo de sociedad, y jamás lo há hecho en unas condiciones que hayan fomentado tanta soledad (ELIAS, 1982, p. 105).

Segundo Elias (1982), nas sociedades pré-industriais, em que a maior parte da população vive em aldeias e pequenas cidades, o cuidado com os velhos e moribundos fica a cargo dos familiares. Independente se o tratamento for carinhoso ou não, o fato é que estas pessoas continuam no seio do grupo familiar. Porém, tudo o que se faz com elas é muito mais público. Nas sociedades modernas e contemporâneas, é competência do Estado garantir os direitos e a proteção de seus cidadãos, inclusive do idoso e do enfermo. Sabemos que esta ação é limitada, especialmente em países menos desenvolvidos, em que tal limitação se aprofundou com o receituário neoliberal⁷. O que se verifica nestas sociedades é o isolamento dos velhos e enfermos com relação ao círculo de seus familiares.

No caso dos países mais desenvolvidos, existe um número crescente de instituições destinadas ao cuidado dos idosos. Em outros trópicos, o velho se vê isolado no mesmo espaço de convivência de seus familiares. Quanto aos enfermos, o que se percebe na sociedade atual, de uma forma geral, é seu recolhimento em hospitais ou clínicas de saúde, públicos ou privados, a depender de seu poder aquisitivo. Mas o que queremos ressaltar neste debate é como o processo de enve-

lhecimento e os processos patológicos vêm-se tornando cada vez mais solitários.

No estoy seguro de hasta qué punto los médicos son conscientes de que las relaciones de una persona con otras tienen una influencia determinante tanto en la génesis de los síntomas patológicos como en el curso de las enfermedades (ELIAS, 1982, p. 111).

Os argumentos do autor conduzem-nos a uma outra dimensão do problema. A religião tem-se constituído um importante espaço de convivência com o outro, além da convivência com Deus. É sabido sobre as práticas de determinadas igrejas em que a questão da saúde envolve duas dimensões: o trato da alma e o trato da pessoa como indivíduo pertencente à comunidade. O sentimento de pertença envolve não somente a fé em Deus, como também a confiança nos homens, no caso nos ‘irmãos’. O efeito psicológico deste tipo de convivência e de confiança, nos processos de cura de determinadas enfermidades, é difícil de ser mensurado, mas, sem dúvida, impossível de ser ignorado. Nesta “era do vazio”, o espaço religioso tem-se traduzido no porto seguro de muitas almas e corpos enfermos.

Com certeza, em um passeio pelo mundo da religiosidade, olhando a paisagem com os olhos do senso comum, já é possível perceber o nexos existente entre religião e saúde. Decisões importantes sobre o corpo, como por exemplo o uso de drogas ou não, atitude positiva (por meio da fé) e confiante diante de enfermidades, entre outros, são sintomas concretos deste nexos.

A relação entre religião e saúde é hoje também objeto de pesquisas científicas realizadas por pesquisadores e instituições sérias. Em que pesem as dificuldades para entender e, sobretudo, mensurar os efeitos das práticas religiosas sobre os homens – especialmente no que se refere às suas enfermidades –, pesquisas, ainda que incipientes, estão sendo realizadas, entre outros países nos EUA e no Brasil.

Instituições como Unifesp, Unicamp, Unesp, UFC, entre outras, realizam pesquisas sobre a relação existente entre a espiritualidade e o comportamento humano. A equipe do Dr. Paulo Dalgalarro⁸, da Unicamp, comprova que a religião pode afetar de diversas maneiras o consumo de álcool e de drogas; o psiquiatra Alexandre Almeida (SITE <<http://www.comciencia.br>>, 2006), da USP, usa como estraté-

gia no tratamento de distúrbios mentais aliar-se aos líderes espirituais de seus pacientes.

Concluimos este pequeno esboço concordando com um certo filósofo e médico que afirmou certa vez: “a consciência da solidão, da inutilidade gerou nos homens uma infelicidade tão radical, que cada vez mais os homens vão à procura de um salvador. O homem moderno se sente doente porque se sente infeliz”. Nesse sentido, desde nossa perspectiva, a religião tem-se constituído um bálsamo importante para as enfermidades de nossa era, “tão vazia”.

Notas

- ¹ George Simmel apresenta dois tipos de individualismo. O individualismo da igualdade, que emerge no século XVIII, e o individualismo da diferença, que surge no século XIX a partir da divisão do trabalho, no contexto do romanticismo.
- ² Segundo Lipovetsky (1986b), este tipo de individualismo corresponde a uma segunda revolução individualista.
- ³ Autores como Lasch e Sennett (2005, 2006) também utilizam o mito de Narciso para identificar o individualismo contemporâneo.
- ⁴ Sabemos que este termo pode causar uma certa estranheza, mas optamos por utilizá-lo por concordar com o significado que Lipovetsky (1986b) e Sennett (2005) atribuem a ele.
- ⁵ Este conceito, que é central nas formulações de Lipovetsky, sugere uma nova forma de gestionar os comportamentos, uma nova maneira da sociedade organizar-se e orientar-se não mais baseada em termos de uma socialização disciplinária.
- ⁶ Termo utilizado, entre outros, por Beck e Luhmann para caracterizar a sociedade contemporânea. Os riscos presentes nas sociedades atuais correspondem às consequências perversas da modernidade. Este argumento é defendido também por Bauman (2000) e Giddens.
- ⁷ Não vamos entrar no mérito da discussão sobre o papel do Estado do Bem Estar Social nas sociedades desenvolvidas, onde o que se verifica é o seu desmantelamento.
- ⁸ Dado obtido no site: <<http://www.comciencia.br>>, em 09 de agosto de 2006.

Referências

BAUMAN, Z. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. *El normal caos de la amor*. Barcelona: El Rouree, 1997.
- DUMONT, L. *Ensayos obre o individualismo*. Madrid: Alianza, 1983.
- GIDDENS, A. *Modernidad y identidad del yo: el yo y la sociedad en la época contemporánea*. Barcelona: Península, 1994.
- ELIAS, N. *La soledad de los individuos*. México: FCE, 1982.
- LAPLATINE, F. *Antropologia da doença*. São Paulo: M. Fontes, 1991.
- LIPOVETSKY, G. *El crepúsculo del deber*. Barcelona: Anagrama, 1986a.
- LIPOVETSKY, G. *La era del vacío: ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Anagrama, 1986b.
- LUKES, S. *El individualismo*. Barcelona: Península, 1975.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SIMMEL, G. *El individuo y la libertad: ensayos de crítica a la cultura*. Madrid: Alianza Editorial, 1998. V. I.
- TERRIN, A. N. *O sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 1998.
- TOCQUEVILLE, A. *La democracia en América*. Madrid: Guadarrama, 1978.
- WEBER, M. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

Abstract: *the author brings an analysis on how the society has been articulating from individualistic and narcissistic values, which is common in the capitalist society in its currient version. Where to see the establishment of new social practices much more settled in a relationship of seduction, than production. These practices project and reflect at*

the same time, a highly consumerist society, in which the ethical and humanitarian values lose more spaces in practice everyday, to become speeches needed. This puts into play alongside the traditional forms of illnesses, others associated with a very unique type of behaviour of our time. Start the debate on the role of religion in this season as 'empty' is that it sets this article

Key words: *individualism, religion, society, narcissism, health*

TELMA FERREIRA DO NASCIMENTO

Doutora em Sociologia e Ciência Política pela Universidad Complutense de Madrid, título reconhecido pela Unicamp como de doutora em Ciências Sociais. Professora no Departamento de História, Geografia, Ciências Sociais e Relações Internacionais, no Mestrado em Direito e Relações Internacionais e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás (UCG). Coordenadora do MBA em Negociações Econômicas Internacionais da UCG. *E-mail*: telmamujer@hotmail.com